



# estudos semióticos

[www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse)

issn 1980-4016  
semestral

março de 2018

vol. 14, nº 1  
p. 138–143

## História das ideias semióticas: entre cronistas e inovadores

Jean Cristtus Portela\*

**Resumo:** O artigo consiste em um estudo epistemológico e histórico sobre a historiografia da semiótica do discurso e tem como objetivo propor uma leitura crítica do modo como os semioticistas ocuparam-se da história da semiótica. A partir de reflexões desenvolvidas no âmbito da história das ideias linguísticas (S. Auroux) e no quadro dos estudos históricos e conceituais da semiótica (J.-C. Coquet, M. Arrivé, A. Hénault, E. Landowski, C. Zilberberg, entre outros), analisam-se abordagens historiográficas sobre a semiótica do discurso, no que diz respeito aos seus objetivos, à sua metodologia e ao seu objeto, distinguindo dois tipos de fazeres historiográficos correntes até o momento entre os semioticistas (aquele dos cronistas e aquele dos inovadores) e, ao mesmo tempo, propõe os fundamentos mínimos de uma meta-historiografia de inspiração semiótica.

**Palavras-chave:** semiótica do discurso, história das ideias linguísticas, historiografia, epistemologia

### 1 Questões de historiografia

Todavia, para ordenar uma profusão, convém introduzir uma regra de avaliação.

(Claude Zilberberg<sup>1</sup>)

Na mitologia dos comparatistas (que se tornou uma espécie de lugar-comum entre os linguistas que os seguiram), os estudos concernentes à linguagem só teriam adquirido o estatuto científico no início do século XIX com os trabalhos de Bopp, isto é, com a gramática comparada moderna (para definir seu próprio estatuto histórico nunca se está tão bem servido como por si mesmo!).

(Sylvain Auroux<sup>2</sup>)

Há várias maneiras de se considerar o problema da construção e da compreensão da história. No domínio da historiografia (a história da história ou, mais precisamente, a história da pesquisa histórica)<sup>3</sup>, a história de uma disciplina pode ser construída por meio do que

podemos chamar de “história intelectual” e “história conceitual”, diferentes derivações da história das mentalidades e da história cultural. Para a historiografia contemporânea<sup>4</sup>, a *história intelectual* trabalha com problemáticas científicas e culturais gerais e transversais ou, ainda, com pesquisas de fundo biográfico ou disciplinar, enquanto a *história conceitual* se interessa pelos conceitos e termos propriamente ditos, pelo léxico mobilizado em um dado campo disciplinar ou em uma dada época.

Essa diferença de abordagem – intelectual vs conceitual – não marcou verdadeiramente os debates sobre a história intelectual das ciências da linguagem no domínio francês, que empregaram o termo corrente “história das ideias” para designar o seu projeto historiográfico. Os termos “história das ideias”, “história do pensamento” ou “história conceitual” são, muitas vezes, utilizados indiferentemente no domínio da historiografia linguística. Pierre Swiggers, por exemplo, nos apresenta suas ideias sobre a história do pensamento linguístico como uma pesquisa de caráter conceitual:

\* Professor do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, câmpus de Araraquara, SP. Pesquisador Nível 2 do CNPq. Este trabalho conta com auxílio financeiro do CNPq e da FAPESP (processo n. 16/22466-0). Endereço para correspondência: ([jean@fclar.unesp.br](mailto:jean@fclar.unesp.br)).

<sup>1</sup> Zilberberg, Claude. Greimas e o paradigma semiótico. In: Zilberberg, Claude. *Razão e poética do sentido*. São Paulo: Edusp, 2006, p. 91.

<sup>2</sup> Auroux, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014, p. 7.

<sup>3</sup> Segundo Marie-Paule Caire-Jabinet, « a historiografia abre amplos horizontes aos historiadores: analisar conceitos e debates, estudar práticas e os discursos » (Caire-Jabinet, 2013, p. 13). Tradução nossa.

<sup>4</sup> Pensamos aqui nos dois tomos monumentais organizados por C. Delacroix et al (2010), *Historiographies I e II: concepts et débats*.

Esta obra não é uma história enciclopédica da linguística, e não pretende substituir os trabalhos que fazem um panorama histórico da linguística. Sua ótica é diferente: não se trata de fazer um inventário das aquisições das ciências da linguagem, em sua evolução da Antiguidade ao século XIX; não se trata também de fazer desfilar “as grandes figuras” da história da linguística e de colocar em primeiro plano determinados atores. A história aqui proposta é uma história conceitual da linguística que toma como objeto o pensamento linguístico. (Swiggers, 1997, p. 2)<sup>5</sup>

O começo da história das ideias linguísticas contemporânea na Europa remonta aos anos 1970<sup>6</sup>, com a publicação de revistas como *Historiographia Linguistica* (1974, Amsterdam) e *Histoire Épistémologie Language* (1979, Saint-Denis). O projeto “História das ideias linguísticas”, dirigido por Sylvain Auroux, que aqui nos interessa especialmente, foi iniciado em 1982, segundo o próprio Auroux, por sugestão de Michel Meyer. Esse projeto deu origem a três volumes importantes sobre o tema: o primeiro, que se inicia na Antiguidade, foi publicado em 1989, o segundo, em 1992, e o terceiro em 2000. Do ponto de vista do período abarcado, o terceiro e último volume vai até o final dos anos 1930.

Embora o projeto dirigido por Auroux não seja o único a contribuir para a história das ideias linguística – não podemos esquecer as contribuições seminais de K. Koerner e de P. Swiggers, sobretudo do ponto de vista metodológico de uma meta-historiografia –, ele resta como uma importante referência para aqueles que se interessam pela historiografia da linguística, pois apresenta propostas metodológicas muito atuais:

1. *Apesar do título do projeto ser “História das ideias linguísticas”, Auroux muitas vezes prefere fazer referência às “ciências da linguagem” e não à “linguística”, pois, segundo ele, o termo “linguística” é muito recente – nasceu como um neologismo na Alemanha, em 1777, e depois foi utilizado em francês pela primeira vez em 1812 – para reunir de maneira satisfatória as correntes teóricas das ciências da linguagem, antes e depois dos séculos XVIII e XIX;*
2. *O cuidado com a conciliação entre o passado e o futuro: “O saber (as instâncias que o colocam em prática) não destrói seu passado como acreditamos frequentemente de modo equivocado, ele o organiza, escolhe, esquece, idealiza, do mesmo modo que ele antecipa seu futuro o sonhando enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto,*

*simplesmente não há saber” (Auroux, 1989, p. 14);*

3. *Uma concepção de método que não se contenta com definições prévias e que se presta à apreensão interna e externa dos saberes construídos. Seu método tem por objetivo: (a) “determinar em cada caso o núcleo duro do conhecimento da linguagem natural e seguir a sua evolução”; (b) “compreender a constituição das disciplinas nas suas relações umas com as outras, sem adotar fronteiras ou limitações pré-concebidas; e (c) “finalmente, levar em conta o aspecto sociológico ou institucional desse saber, do contexto social e dos interesses e práticas que estão na origem dessa produção” (Auroux, 1989, p. 15-16).*

A historiografia das ciências da linguagem se erigiu, desse modo, como um projeto de revisão da tradição, na medida em que pode nos ajudar a desconstruir alguns mitos solidamente implantados nas mais diversas correntes metodológicas do campo científico.

## 2 A omissão “natural”

Os esforços de Auroux na construção e na compreensão das ciências da linguagem ignoraram as bases das teorias contemporâneas do discurso, da semiologia e da semiótica discursiva. No domínio da historiografia linguística, em sentido restrito, o interesse dos pesquisadores recai exclusivamente sobre as unidades que se situam abaixo do nível da frase: é a fonética, a fonologia, a morfologia e a sintaxe, especialmente esta última, que interessam a esses historiadores e historiógrafos da linguística que têm por objeto privilegiado as teorias gramaticais, em seus aspectos de formalização e descrição. No máximo, recorre-se à filosofia da linguagem.

Essa exclusão do pensamento discursivo ou semiótico do campo da historiografia linguística pode ser considerada como uma omissão “natural”, pois os pioneiros da historiografia linguística não teriam por que ampliar seu campo de interesse para assuntos de que não tratam ou não reconhecem a cientificidade.

Entretanto, essa omissão “natural”, sempre entre aspas, nos revela uma concepção de linguística estreitamente disciplinar ou, ainda, sectária, devido à recusa a integrar aos seus interesses os problemas semânticos (Michel Bréal já acusava a linguística da

<sup>5</sup> Tradução nossa para o texto original: “Cet ouvrage n’est pas une histoire encyclopédique de la linguistique, et ne prétend pas remplacer les travaux qui brossent un panorama historique de la linguistique. L’optique de celui-ci est différente : il ne s’agit pas de faire un relevé des acquis des sciences du langage, dans leur évolution de l’Antiquité au XIX siècle. Il ne s’agit pas non plus de faire défiler ‘les grandes figures’ de l’histoire de la linguistique, et de mettre à l’avant-plan des acteurs particuliers. L’histoire proposée ici est une histoire conceptuelle de la linguistique qui prend comme objet la pensée linguistique.”

<sup>6</sup> A história das ideias linguística se inicia muito antes, como nos lembra Auroux (1989, p. 13): “A partir do começo do século XIX, não deixamos de encontrar trabalhos consagrados à história dos conhecimentos linguísticos [...]”.

época de fazer exatamente isso) e, em sentido amplo, as questões relacionadas ao discurso e à significação das demais linguagens. Se consideramos a questão desse ponto de vista, a omissão ou exclusão de que falamos se apresenta como uma escolha que, no limite, apaga uma das contribuições capitais da linguística do século XX: os estudos do texto e do discurso.

O terceiro tomo de *História das ideias linguísticas*, organizado por S. Auroux (2000), é exemplar a esse respeito. A semântica e a pragmática nele recebem uma atenção bastante modesta. No caso da semiótica, a situação não é diferente: o capítulo intitulado “A ordem dos signos” tem uma primeira seção nomeada “A semiótica”, escrita pelo alemão Achim Eschbach, especialista em Charles Morris, que cita abundantemente Peirce e dedica uma meia página a Ferdinand de Saussure. Ora, mesmo considerando que os anos 1930 foram escolhidos como limite temporal, parece-nos que a escolha do autor da seção sobre os signos e a pouca atenção às ideias de Saussure não sejam gratuitas. Se o critério determinante é o temporal, Mikhaïl Bakhtin e Valentin Volóchinov, por exemplo, que dialogam com a linguística europeia do séc. XIX e do começo do séc. XX, deveriam figurar nessa obra, se não na seção sobre os signos, em um capítulo inteiramente dedicado ao seu pensamento linguístico.

Ainda que sejamos tributários das ideias de Auroux e seus colaboradores, isso não nos impede de lamentar suas omissões e sobretudo de problematizá-las. É bastante claro que se os semioticistas não fizeram a história da sua disciplina, é inútil esperar que outros o façam. A esse respeito, é inevitável evocar o que diz Auroux (2014, p. 7) em uma das epígrafes escolhidas para este trabalho: “para definir seu próprio estatuto histórico nunca se está tão bem servido quanto por si mesmo!”.

Por último, a título de contraponto, é preciso considerar uma questão pertinente na construção da história e, portanto, da historiografia das disciplinas científicas: a diferença temporal em relação ao objeto analisado desempenha um papel decisivo na observação dos fenômenos. Quando Auroux começou a trabalhar no seu projeto de história das ideias linguísticas, entre quarenta (no começo do projeto) e sessenta anos (ao seu final) o separavam do seu objeto. Em 1982, talvez fosse mais difícil avaliar a relação entre a linguística geral e as disciplinas do texto e do discurso. Havia muita novidade, agitação e confronto. Em 2017, portanto, vemos como estamos na posição de observadores privilegiados dos nossos pioneiros dos anos 1970 e 1980.

### 3 Somos todos historiógrafos?

De certo modo, quanto trabalhamos em um campo como o da semiótica, não estamos equivocados em

pensar que somos todos, de algum modo, historiógrafos, devido à nossa necessidade de triar nossas fontes, organizar e explicitar as definições que balizam nosso pensamento e, sobretudo, de nos posicionar em relação à tradição. Em geral, a necessidade de nos justificar e de nos explicar nos faz cientes do método e nos leva a assumir, não raramente, posições bem delimitadas. Nossa necessidade de explicitar o caráter e a pertinência da semiótica é, diríamos, “instintiva”. Isso nos leva a nos apropriar da história da teoria, retocando-a com nossas próprias cores. Por vezes, não temos interesse algum em explicitar e justificar nossas escolhas teóricas. Alojamo-nos confortavelmente no seio da semiótica para criarmos modelos e reflexões, sem nos darmos conta de que o silêncio é tão ou mais significativo do que declarações.

Desse modo, vemos que a atividade dos historiógrafos um pouco distraídos que nós somos não compreende apenas “projetos intencionais”, projetos explícitos e conscientemente historiográficos. Isso nos autoriza a supor que o pensamento historiográfico é próprio ao pensamento científico, especialmente nas ciências humanas, em que a noção de progresso resta sempre por construir e por defender.

### 4 Cronistas e inovadores

É difícil lançar um olhar de conjunto sobre a produção historiográfica que trata sobre a semiótica do discurso. A disciplina é jovem e movente, e tem suas próprias exigências. Ademais, a historiografia entre os greimasianos, salvo pelos trabalhos de Thomas F. Broden (2013), não produziu um programa metodologicamente explícito. Temos nos centrado, em geral, na análise dos sistemas conceituais (o que Konrad Koerner (1989), por exemplo, chama de imanência da teoria) e dado pouco ou nenhuma atenção (1) à retórica da teoria, (2) às ideias que permeiam e circundam os sistemas conceituais e (3) aos aspectos sociais e institucionais. Nosso trabalho, muito frequentemente, não distingue livros, periódicos ou anais como textos de acesso à teoria e nem se desdobra na construção de um corpus de depoimentos e entrevistas. Não é à toa que os historiógrafos *tout court* das ciências da linguagem têm dificuldade de reconhecer nossas iniciativas no quadro teórico da historiografia.

De uma maneira geral, conhecemos até o momento duas abordagens historiográficas em semiótica:

1. As abordagens baseadas na memória, isto é, sobre as crônicas em seus aspectos científicos, associativos e institucionais, de que obras como *Sémiotique: l'École de Paris*, de Jean-Claude Coquet (1982), e

*História concisa da semiótica*, de A. Hénault (1992, ed. br. 2009), são os exemplos mais conhecidos;

2. E abordagens baseadas em problemas teóricos em geral transversais e que reclamam uma síntese ou solução, como é o caso das duas primeiras partes de *Razão e poética do sentido*, de Claude Zilberberg, e do preâmbulo de Anne Hénault à obra *Atelier de sémiotique visuelle*, organizada por Anne Hénault e Anne Beyaert;

A primeira abordagem, que poderíamos chamar “memorialista” ou “cronista”, orienta-se essencialmente pela diacronia dos fatos teóricos (aqui, chamo “fatos teóricos” um conceito-ocorrência pertencente a um sistema, assim como definimos também os “fatos de língua”), procurando mostrar suas correspondências, continuidades e descontinuidades em relação à grande cena científica de uma época, sob a forma de um romance de ideias, de uma “dramaturgia epistemológica”, para utilizar a bela expressão de Jean-Claude Chevalier e Pierre Encrevé (2006).

Essa abordagem é frequentemente linear e causal na sua maneira de compreender os fatos teóricos, pois se apoia, para coerência à narrativa que se conta, sobre os atores e actantes da ciência e sobre os programas, percursos e esquemas dos quais tomaram parte. Os “cronistas”, em geral, vão dizer, por exemplo, que Saussure engendra Hjelmslev, que engendra Greimas, e assim por diante.

A segunda abordagem, que poderíamos chamar “crítica” ou “inovadora”, não rejeita a diacronia – estamos no terreno da história – mas dela se serve de modo diferente. A diacronia apreendida nessa abordagem não é aquela dos fatos teóricos que, segundo as datas das publicações e dos acontecimentos julgados relevantes, se sucederam no tempo, mas aquela que se converte em sincronia para produzir seus resultados: o historiógrafo ultrapassa, suspende, as coerções temporais e “faz sistema” com os fatos teóricos, não raramente reconstruindo o próprio sistema e inovando. Segundos os “inovadores”, Hjelmslev pode revelar Saussure e Greimas pode iluminar Hjelmslev. É isso que observou Herman Parret sobre o pensamento de Zilberberg no prefácio a *Razão e poética do sentido*: “A semiótica [...] é uma entidade dinâmica, e seu devir identifica-se com um regresso a seus fundamentos, a suas origens, dialetizando a contribuição dos fundadores e dos continuadores (Hjelmslev “fundador” do fundador Saussure,

Greimas “fundador” de Hjelmslev)” (apud Zilberberg, 2006, p. 12).

Essa caracterização polarizada entre “cronistas” e “inovadores” nos serve somente para esboçar as grandes linhas da atividade historiográfica em semiótica e não consiste em uma apreciação valorativa ou “moral”, pois estamos convencidos de que as duas abordagens não se prestam aos mesmos usos e têm, cada uma à sua maneira, um lugar na transmissão e na construção da semiótica como disciplina.

## 5 Cronista ou inovador?

É preciso ter em mente, é claro, que há outras maneiras de conceber a visada historiográfica em semiótica, maneiras estas que exploram diferentemente as duas abordagens anteriormente descritas.

Peguemos, por exemplo, o texto do prefácio de Eric Landowski (2007) para a tradução lituana de *Semântica Estrutural* (1966). Nesse texto, Landowski apresenta ao leitor experiente o projeto semiótico de *Semântica estrutural*, à medida que ele mesmo procura se situar no interior desse projeto e estabelecer grandes linhas de evolução teórica. Para tanto, Landowski vai dispersar actancialmente a figura de Greimas, dividindo-a em três ou, ainda, em cinco Greimas diferentes: o Greimas semanticista, o Greimas semioticista e o Greimas fenomenólogo, aos quais se juntam o Greimas lexicólogo e o Greimas escritor, mencionados em nota de rodapé. Cada Greimas equivale, segundo o provocador autor de *Passions sans nom* (2004), a “famílias de espírito bem diferentes e mesmo, em grande medida, rivais”:

A primeira reúne uma geração de pesquisadores que, fiéis ao espírito de *Semântica Estrutural*, se consagram ao desenvolvimento de uma linguística textual e de uma semântica das culturas. A segunda continua até os dias de hoje a fazer do *Dicionário* sua principal obra de referência, seja tomando tais quais os modelos da sintaxe narrativa e modal que constituem seu cerne e os aplicando escrupulosamente – são os defensores da semiótica dita *standard* –, seja buscando enriquecê-los e sistematizá-los, principalmente no âmbito da semiótica dita “tensiva”. A terceira, encontrando, por sua vez, inspiração sobretudo em *Da imperfeição*, tenta atualmente promover uma semiótica que trate da experiência, capaz de integrar a dimensão sensível, e também aquela do aleatório, na análise da produção e da apreensão do sentido. (Landowski, 2007<sup>7</sup>, grifo nosso)

E Landowski (2007) não se limita a destacar as três

<sup>7</sup> Tradução nossa para o trecho original: “La première regroupe une génération de chercheurs qui, restés fidèles à l’esprit de *Semantique structurale*, se sont consacrés au développement d’une linguistique textuelle et d’une sémantique des cultures. La deuxième continue jusqu’à maintenant de faire du *Dictionnaire* son principal ouvrage de référence, soit en prenant tels quels les modèles de la syntaxe narrative et modale qui en constituent le noyau et en les appliquant scrupuleusement – ce sont les tenants de la sémiotique dite *standard* –, soit en cherchant à les enrichir et à les systématiser, principalement dans le cadre de la sémiotique dite « tensiva ». La troisième, trouvant pour sa part son inspiration surtout dans *De l’imperfection*, tente actuellement de promouvoir une sémiotique en prise sur l’expérience, capable d’intégrer la dimension sensible et aussi celle de l’aléa dans l’analyse des conditions de la production et de la saisie du sens.” Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/1540>

grandes “famílias” da semiótica, em nota de rodapé, ele as identifica: a primeira família é aquela de François Rastier, a segunda, de Jacques Fontanille e Claude Zilberberg, e a terceira, finalmente, é a de Jean-Marie Floch, Jacques Geninasca e do próprio Landowski.

Essa maneira de encarnar figurativamente as problemáticas teóricas em diferentes atores da teoria mostra como uma estratégia de “cronista” pode ser utilizada com vistas à inovação no espaço teórico. Landowski não conta simplesmente a história da semiótica – até porque não há história única e nem simples –, ele a reconstrói segundo sua compreensão teórica. O passado da semiótica contém em germe seu futuro: aquilo que é ideia difusa na origem torna-se escola ou família no devir.

## 6 Uma meta-historiografia semiotizada

Por mais intuitiva e pragmática que a história das ideias semióticas feita pelos próprios semioticistas tenha sido até o momento, entendemos que a semiótica pode desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento de uma historiografia de base discursiva, ou seja, uma historiografia que não se contente em estabelecer princípios metodológicos gerais, de ordem puramente histórica, mas que reconheça o estatuto discursivo dos textos que analisa. A coexistência da dimensão metodológica da historiografia clássica com o aparato de análise da semiótica nos parece perfeitamente possível e desejável, especialmente no que diz respeito aos seguintes problemas historiográficos:

1. *A própria natureza do fazer historiográfico.* O semioticista não poderia se limitar a abordar a história da sua disciplina por meio do olhar do historiador (a precisão das fontes, a primazia da materialidade dos documentos, a delimitação dos objetivos, o respeito às condições de produção e circulação dos saberes, a ambição da narrativa) e deveria procurar tratar a narrativa histórica e seus textos como uma semiótica-objeto, analisável discursivamente, narrativamente, tensivamente, etc. Isso equivaleria a afirmar que natureza do fazer historiográfico é necessariamente dupla: histórica e semiótica;
2. *A programação e a persuasão dos discursos teóricos analisados,* ou seja, o que a teoria faz (o enunciado teórico) e o que diz que faz (a sua enunciação enunciada). O discurso teórico, expositivo e explicativo, opera pela extensidade da programação (a quantidade) e pela intensidade das asserções (a qualidade). Desse modo, cria seu objeto e garante ao mesmo tempo sua permanência e

relevância, por meio de estratégias enunciativas que valorizam ou desvalorizam certos aspectos do programa científico. Um bom exemplo disso é o estatuto da noção de “plano da expressão” na prática de análise, que se modificou ao longo do desenvolvimento da teoria;

3. *A superação da análise “interna” e “externa” em historiografia.* A semiótica, ao estabelecer as relações de dependência entre os textos e os discursos que proliferam no campo científico, possibilitaria ao historiógrafo integrar os elementos próprios à construção da teoria e ao universo socioletal em que ela é gestada a um só projeto analítico. Por exemplo: a escolha do primeiro Greimas pela análise do conteúdo é um pressuposto teórico interno à sua teoria e ao mesmo tempo é um ponto de contato com as mais diversas teorias do discurso de sua época. Se discursos teóricos diferentes, como a semiótica discursiva e a AD francesa, por exemplo, deram nos anos 1970, guardadas as devidas proporções, a mesma primazia à análise do conteúdo, isso significa que essas duas teorias, enquanto processos, exploram propriedades de um só sistema. E não é preciso delimitar “interior” e “exterior” do texto – texto e contexto – para chegar a essa conclusão, é preciso recorrer ao discurso que configura cada “clima de opinião”, segundo o termo caro a Konrad Koerner.
  4. *A definição de “fato teórico” e sua dinâmica no interior de um sistema científico.* Os “fatos teóricos”, assim como os “fatos de língua”, são ocorrências particulares que remetem a continuidades e descontinuidades mais gerais que se encontram no âmbito do sistema científico. Eles são produzidos e podem ser analisados segundo os modos de existência semiótica (virtual, atual, potencial, realizado), segundo uma perspectiva diacrônica ou sincrônica, ou segundo a sua identidade e a sua alteridade no sistema (variação e mudança). Desse modo, podemos estudar semioticamente o surgimento e o desaparecimento de “fatos teóricos”, em suma, sua evolução no interior de um mesmo sistema e entre sistemas derivados. Por exemplo: quando Jacques Fontanille (2008) concebe um “percurso gerativo da expressão”, homologando a “expressão” à experiência semiótica, fica claro que “expressão” adquire outra espessura de fato teórico, tornam-se uma variante própria ao idioleto fontanilliano.
- Desse modo, *cronistas* ou *inovadores*, os semioticistas são instados a semiotizar o fazer historiográfico de modo consciente e ordenado. Os princípios ou problemas historiográficos que acabamos de evocar, sugerindo-lhes um tratamento semiótico, tem o objetivo de esboçar as linhas gerais de uma historiografia

que aborde a (historiografia da) semiótica por meios igualmente semióticos. Pretensão de excessiva reflexividade? Cilada da autorreferência?

O fato é que a semiótica deve cumprir sua vocação generalista e se interessar radicalmente por todos os tipos de textos e discursos, especialmente pelos científicos, dando sua contribuição a uma meta-historiografia de inspiração semiótica. A semiótica, assim, não escapa de ser semiotizada. ●

## Referências

Arrivé, Michel; Coquet, Jean-Claude

1987. *Sémiotique en jeu: à partir et autour de l'œuvre d'A. J. Greimas*. Paris-Amsterdam-Philadelphia: Hadès Benjamins.

Auroux, Sylvain

2014. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Pontes.

Auroux, Sylvain

2000. *Histoire des idées linguistiques* (tome 3). Sprimont: Mardaga.

Auroux, Sylvain

1992. *Histoire des idées linguistiques* (tome 2). Sprimont: Mardaga.

Auroux, Sylvain

1989. *Histoire des idées linguistiques* (tome 1). Sprimont: Mardaga.

Broden, Thomas

2013. Diachronies et régimes discursifs de la biographie intellectuelle. In: Bertrand, D.; Darrault-Harris, I.; D.; Dondero, M. G.; Estay-Stange, V. *Actes du Congrès de l'Association Française de Sémiotique "Sémiotique et diachronie"*, Liège.

Caire-Jabinet, Marie-Paule

2013. *Introduction à l'historiographie*. 3. éd. Paris: Armand Colin.

Chevalier, Jean-Claude; Encrevé, Pierre

2006. *Combats pour la linguistique, de Martinet à Kristeva: essai de dramaturgie épistémologique*. Lyon: ENS Édition.

Coquet, Jean-Claude (dir.)

1982. *Sémiotique: L'École de Paris*. Paris: Hachette.

Delacroix, Christian *et al.*

2010. *Historiographies I et II: concepts et débats*. Paris: Gallimard.

Fontanille, Jacques

2008. *Pratiques sémiotiques*. Paris: PUF.

Hénault, Anne

1997. *Histoire de la sémiotique*. 2. éd. Paris: PUF.

Hénault, Anne; Beyaert-Geslin, Anne (dir.)

2004. *Ateliers de sémiotique visuelle*. Paris: PUF.

Koerner, Konrad

1989. *Practicing linguistic historiography: selected essays*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.

Landowski, Éric (dir.)

1997. *Lire Greimas*. Limoges: Pulim.

Landowski, Éric

2004. *Passions sans nom*. Paris: PUF.

Landowski, Éric

2007. "Le papillon tête-de-Janus: à propos de *Sémantique structurale*, quarante ans après". *Actes Sémiotiques*, n°.110. Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/1540>. Acesso em 01/09/2017.

Swiggers, Pierre

1997. *Histoire de la pensée linguistique: analyse du langage et réflexion linguistique dans la culture occidentale, de l'Antiquité au XIXe siècle*. Paris: PUF.

Zilberberg, Claude

2004. *Razão e poética do sentido*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Edusp.

---

## Dados para indexação em língua estrangeira

---

Portela, Jean Cristtus

History of semiotic ideas: between chroniclers e innovators

*Estudos Semióticos*, vol. 14, n. 1 (edição especial) (2018)

ISSN 1980-4016

---

**Abstract:** *The article consists of an epistemological and historical study about the historiography of the semiotics of discourse and has the objective of proposing a critical reading of the way by which semioticians have focused on semiotics history. From reflections developed within the scope of the history of linguistic ideas (S. Auroux) and the frame of historical and conceptual studies of semiotics (J.-C. Coquet, M. Arrivé, A. Hénault, H. Parret, E. Landowski, C. Zilberberg, S. Badir, among others), it analyzes historical approaches on the semiotics of discourse, concerning its objectives, its methodology and its object, distinguishing two types of historical works that remain current until the moment amongst semioticians (that of the chronicler and that of the innovators) and, at the same time, proposes the minimum fundamentals of a meta-historiography of semiotic inspiration.*

**Keywords:** *semiotics of discourse ; history of linguistic ideas ; historiography ; epistemology*

---

### Como citar este artigo

PORTELA, Jean Cristtus. História das ideias semióticas: entre cronistas e inovadores. *Estudos Semióticos*. [on-line], volume 14, n. 1 (edição especial). Editores convidados: Waldir Bevidas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, março de 2018, p. 138-143. Disponível em: ( [www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse) ). Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 05/11/2017

Data de sua aprovação: 10/01/2018

---